

A variável sexo/gênero no português falado no sertão alagoano

The sex/gender variable in the Portuguese spoken in the alagoan backwoods

Viviane Novais¹
Manoel Siqueira²

Resumo

Estudos feitos com base na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2006; 2008) incluem a variável sexo/gênero como um dos condicionadores da variação linguística, fator amplamente selecionado como elemento de estratificação em bancos de dados sociolinguísticos do Brasil (FREITAG, 2016). No entanto, os estudos sobre o português falado no sertão alagoano mostram, em sua maioria, que o sexo/gênero não apresenta significância estatística, uma possível evidência de que a variável não apresenta efeito na língua falada na comunidade. Em vista disso, neste trabalho, objetivamos desenvolver uma revisão de trabalhos sociolinguísticos feitos com base no português falado no sertão alagoano, analisando a influência da variável sexo/gênero nos dados referentes à comunidade. Para tanto, observamos os trabalhos desenvolvidos dentro do projeto A língua Usada no Sertão Alagoano – LUSA (VITÓRIO, 2017) entre 2017 e 2018 (ALVES DA SILVA, 2018; FEITOSA, 2017; OLIVEIRA, 2017; RODRIGUES, 2018; SILVA, 2017; SIQUEIRA DA SILVA, 2018), utilizando como método o descritivo/inferencial, por meio de testes estatísticos. Constatamos que os números obtidos sobre a significância recaem na pouca diferença da frequência entre os homens e as mulheres no comportamento linguístico, demonstrando que não há dispersão no comportamento de ambos os sexos/gêneros. Contamos com a colaboração bibliográfica de autores como Eckert e McConnel-Ginet (2010), Freitag (2015), Labov (2008), entre outros.

Palavras-chave: Sociolinguística. Linguagem. Sexo/Gênero. Sertão alagoano

Abstract

Studies based on Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2006; 2008) include the sex/gender variable as one of the conditioning factors of linguistic variation, widely selected as a stratification element in Brazilian sociolinguistic databases (FREITAG, 2016a). However, studies on Portuguese spoken in the Alagoas backwoods show, for the most part, that sex/gender has no statistical significance, a possible evidence that the variable has no effect on the language spoken in the community. In this work, we aim to develop a review of sociolinguistic works based on the Portuguese spoken in the Alagoas backwoods, analyzing the influence of the sex/gender variable in the data related to the community. In order to do this, we observe researches developed within the project A Língua Usada no Sertão Alagoano - LUSA (VITÓRIO, 2017) between the 2017 and 2018 (ALVES DA SILVA, 2018; FEITOSA, 2017; OLIVEIRA, 2017; RODRIGUES, 2018; SILVA, 2017; SIQUEIRA DA SILVA, 2018), using the descriptive/inferential method, through statistical tests. We found that the numbers obtained on the significance are result of the little difference in frequency between men and women linguistic behavior, demonstrating that there is no dispersion in the behavior of both sexes/genders. We rely on the bibliographic collaboration of authors such as Eckert and McConnel-Ginet (2010), Freitag (2015), Labov (2008) and more.

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Sergipe.

² Mestrando em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Sergipe.

Keywords: *Sociolinguistic. Language. Sex. Gender. Alagoan backwoods*

Recebido em: 28/02/2020.

Aceito em: 24/09/2020.

Introdução

Estudos relacionados à influência da variável sexo/gênero³ na linguagem começaram a aflorar na comunidade científica já na década de 1960. Labov (2006[1966]), por exemplo, observando a correlação entre estratificação social e o inglês falado em Nova Iorque, destacou a tendência das mulheres a favorecerem formas de prestígio, como também a capacidade de mudança na fala em estilos formais. Embora esse fator não tenha tido destaque nessa pesquisa, os resultados encontrados serviram de base para trabalhos posteriores do autor.

Como desenvolvimentos futuros, a pesquisa em Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]), interessada – entre outros pontos – na relação entre língua e sociedade, usa como um dos condicionantes externos à variação linguística o sexo/gênero do falante, que influencia, em determinados grupos sociais, na escolha da forma linguística a constituir o seu vernáculo. Na constituição de bancos de dados sociolinguísticos, a variável sexo/gênero é amplamente selecionada como elemento de estratificação, visto o desenvolvimento da Sociolinguística no Brasil com variáveis sociais macro (FREITAG, 2016a).

No sertão alagoano – onde estudos sociolinguísticos começaram a ser produzidos em 2014, a partir do projeto A Língua Falada no Sertão Alagoano - LUSA (VITÓRIO, 2017) – a variável sexo/gênero é utilizada como forma de controle na estratificação da amostra vinculada ao LUSA. Através desse fator social, foi/é possível observar as associações em relação ao comportamento linguístico de homens e mulheres no sertão alagoano.

Todavia, mesmo a variável sexo/gênero sendo considerada um importante fator extralinguístico, muitas vezes, ela se mostra estatisticamente não significativa. Embora sejam lançadas hipóteses sobre a influência do sexo/gênero na língua, estatisticamente não é possível observar uma associação entre essa variável e usos linguísticos. Em vista disso, neste trabalho, objetivamos desenvolver uma revisão de trabalhos sociolinguísticos feitos com base no português falado no sertão alagoano, descrevendo a influência da variável sexo/gênero sobre a variedade falada na comunidade. Para tanto, observamos os trabalhos desenvolvidos dentro do projeto LUSA, entre os anos de 2017 e 2018:

- A variação *você* e *cê* na fala dos sertanejos alagoanos (SILVA, 2017);
- Variação dos verbos *ter* e *haver* em sentenças existenciais no sertão alagoano (OLIVEIRA, 2017);
- A variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito no sertão alagoano (FEITOSA, 2017);

³ Há profusas discussões em relação ao termo a ser utilizado para nomear a variável (cf. FREITAG, 2015). Contudo, para manter a linearidade com o banco de dados que subsidiam os estudos aqui revisados, decidimos manter a nomenclatura “sexo/gênero”.

- Variação entre *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto no sertão alagoano (SIQUEIRA DA SILVA, 2018);
- A concordância verbal com o pronome *nós* no sertão alagoano (ALVES DA SILVA, 2018);
- Concordância verbal com o pronome *a gente* no sertão alagoano (RODRIGUES, 2018).

Discutimos, neste texto, a respeito da construção da variável sexo/gênero na sociedade e nos estudos sociolinguísticos, analisando os papéis sociais desde o século XX, com vistas a perceber o quanto a sociedade mudou em relação à atuação dos sujeitos que a compõem, como também discorreremos sobre como novos aportes teóricos-metodológicos podem auxiliar na investigação da relação entre língua e sociedade.

A sociolinguística variacionista e a variável sexo/gênero

Embora tenha se apresentado há mais tempo, apenas na década de 1960 o interesse pelo estudo da língua e sua relação com a sociedade ganhou força, com a Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2006; 2008). Essa área de estudos apresenta um aporte teórico-metodológico que busca correlacionar a língua com a sociedade, observando como aspectos culturais, sociais e estilísticos interferem nos usos linguísticos dos grupos sociais.

Para essa linha de estudos linguísticos, a língua é heterogênea e funciona através do enlace entre regras categóricas – da própria estrutura e que não variam – e regras variáveis – que comportam a ideia de haver diferentes formas de dizer algo com o “mesmo valor referencial” (LABOV, 1978), quando duas ou mais formas podem concorrer no mesmo contexto para exprimir o mesmo valor referencial (*nós vai* > *nós vamos*).

Com a língua associada à sociedade, ela pode ser condicionada tanto por fatores internos (linguísticos, da própria estrutura) quanto por fatores externos (sociais, culturais, geográficos). Por meio do aparato teórico-metodológico da sociolinguística e de testes estatísticos, tenta-se compreender quais fatores, sejam externos ou internos, interferem na realização de determinadas formas linguísticas. Um dos fatores externos abordados pela sociolinguística é o sexo/gênero do falante.

Segundo Labov (2008, p. 348), “a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística”. O autor evidencia isso ao falar que as mulheres tendem a ser mais conservadoras diante de uma variante desprestigiada socialmente, enquanto os homens tendem a ser mais inovadores. Há inversão quando a variante não sofre estigma social: se a variante é de prestígio, ou seja, possui avaliação social positiva, as mulheres tendem a ser mais inovadoras, enquanto os homens são mais conservadores (cf. LABOV, 2006).

Labov (2008, p. 348) pontua que “a diferenciação sexual dos falantes não é, portanto, somente um produto de fatores físicos, ou de diferentes quantidades de informação referencial fornecida por eles, mas, sim, uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para o outro”. O comportamento linguístico de cada sexo/gênero é um reflexo de sua postura na sociedade: haveria uma postura mais apropriada para cada um, sob o viés social. Todavia, essas

observações nas quais se baseiam essas alegações sobre mulheres e homens foram produzidas em diferentes momentos e em diferentes circunstâncias, com populações diferentes daquelas cujo comportamento linguístico está sendo utilizado para explicar (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010, p. 95).

Considerando o fato de que a sociolinguística trabalha com o pressuposto de que a língua está associada à sociedade, devemos também considerar que a língua será adaptada aos moldes dessa sociedade, principalmente porque “a linguagem dos indivíduos não pode ser compreendida sem o conhecimento da comunidade da qual eles são membros” (LABOV, 2006, p. 05, tradução nossa⁴). Se a língua varia, assim também a sociedade, já que a língua é seu reflexo e a “variabilidade é uma parte integral do sistema linguístico, e não menos uma parte do comportamento da comunidade” (LABOV, 2006, p. 03, tradução nossa⁵). Se as mulheres e os grupos sociais se comportavam de determinada forma na década de 1960, devemos considerar que houve uma série de mudanças ao decorrer dos anos e que elas podem contribuir para alterações sociais e linguísticas desses grupos (FREITAG, 2015). Mudanças que dizem respeito aos papéis das mulheres na sociedade bem como o expressivo aumento de lutas feministas são exemplos de que muitas alterações aconteceram no âmbito social, sendo fatores importantes a serem considerados em estudos sociolinguísticos, conforme detalhamos no tópico seguinte.

Mudanças nos papéis e expressividade social

A língua, enquanto fator social, acompanha as mudanças que ocorrem na sociedade (LABOV, 2001). Embora a sociolinguística propunha uma determinada visão sobre os papéis sociais dos grupos na segunda metade do século XX, esses papéis não mais se refletem na sociedade hodierna, visto que não se mantiveram imutáveis, tanto na cultura americana – onde surgiu o aporte variacionista – quanto na cultura brasileira.

Os papéis que as mulheres assumiam na década de 1960 podem não ser mais os mesmos de hoje e o mesmo é aplicado aos homens. Para esses, por exemplo, seu papel não gira em torno apenas de ser o provedor financeiro da casa e ocupar grande parte do mercado de trabalho. Para as mulheres, não lhes cabem mais apenas serem donas de casa e cuidar dos filhos. Conforme Freitag (2015), a partir de dados do IBGE (2014) do ano de 2010, a expressividade feminina no Brasil aumentou em diversos aspectos sociais, como no mercado de trabalho ou na responsabilidade doméstica, que

está relacionado a um cenário de vazio masculino; a ocupação desse espaço só se torna possível em função do acesso à escolarização e ao mercado de trabalho, o que significa se desvencilhar das tarefas tradicionalmente atribuídas às mulheres: o cuidado a membros da família (crianças, idosos e incapacitados) e afazeres domésticos (FREITAG, 2015, p. 19-20).

O impacto do aumento da expressividade feminina na sociedade não recai apenas em como a sociedade se comporta ou se distribui, mas influencia também em como se

⁴ No original: “the language of individuals cannot be understood without knowledge of the community of which they are members” (LABOV, 2006, p. 05).

⁵ No original: “variability is an integral part of the linguistic system, and no less a part of the behavior of the city” (LABOV, 2006, p. 03).

comporta o repertório linguístico desses indivíduos. As mulheres começaram a frequentar lugares que a elas eram alheios ou não permitidos, além de assumirem diversos cargos profissionais, antes exclusivamente masculinos, e também expandiram as suas redes de contato.

Freitag (2015, p. 20) destaca que “o acesso ao estudo é também primazia feminina. Em todos os cenários, a taxa de mulheres frequentando a escola, nos diferentes níveis de ensino e em diferentes faixas etárias, sempre é superior à dos homens”⁶, acarretando nos paradigmas sociais de pertencimento das mulheres, a possibilidade de maior inserção à cultura letrada, levando as mulheres a fazerem maior uso de formas linguísticas de prestígio.

Além da mudança na expressividade feminina nos papéis sociais, devemos observar também a maior expressividade da comunidade LGBTQI+. O que antes, de forma bastante canônica, referia-se a apenas duas formas de ver sexo e gênero, atualmente encontram-se variadas possibilidades. A partir da década de 1970, no Brasil, o movimento pelos direitos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais começou a aflorar nos espaços sociais. Com a expansão da cultura LGBTQI+, houve uma expansão das formas de encarar sexo/gênero, não mais a visão binária de homem e mulher, masculino ou feminino, mas uma forma visibilizada de abarcar os demais gêneros que foram sendo visibilizados na sociedade.

A comunidade LGBTQI+ possui um repertório linguístico que contém variantes diferentes das usadas pela comunidade heterossexual, além das que se equiparam (cf. MENDES, 2007; 2012; 2018). A via de exemplo é o Pajubá, código linguístico usado pela comunidade LGBTQI+, originado do contato entre língua africana iorubá e a língua portuguesa com traços linguísticos de francês, inglês e língua indígena. Além, também, do surgimento de diversos neologismos, tanto lexicais quanto semânticos (cf. BARROSO, 2017).

Com o aumento da expressividade feminina e a maior visibilidade da comunidade LGBTQI+, a língua, em relação com a sociedade, tende a adequar-se aos indivíduos que fazem seu uso. As hipóteses iniciais da teoria sociolinguística podem, com essa mudança, não ser mais suficientes para abarcar o real funcionamento da variável sexo/gênero, o que pode explicar os resultados obtidos nas pesquisas do LUSA, conforme veremos mais à frente. Novos olhares dentro do aporte teórico-metodológico ajudam na compreensão do sexo/gênero do falante e sua relação com a língua.

A proposta de Eckert e Mcconnel-Ginet

A sociolinguística, evidenciando a perspectiva social na língua, propunha um comportamento linguístico relacionado à postura na sociedade. Com isso, as pesquisas se guiavam – como ainda se guiam – seguindo essa visão. Nesse viés,

as explicações para gênero que são evocadas nos estudos sociolinguísticos emergem basicamente de duas épocas: i) da década de 1970, quando a distinção entre o biológico e o social não era

⁶ Sobre o efeito da variável escolaridade no português falado no sertão alagoano, consultar Silva e Vitória (2018).

considerada; [...] e ii) da década de 1980, período cujo foco dos estudos foram aspectos mais amplos da linguagem, como as estratégias conversacionais características da fala masculina e feminina, e que são retomadas em estudos mais particularizados, de base mais etnográfica (FREITAG, 2015, p. 24-25).

Enquanto num primeiro momento, que se estende até os dias atuais, há uma predominância da visão binária, levando em conta o fator biológico, num segundo momento, uma visão mais etnográfica, o foco em sexo/gênero vai além da visão generalizada e abstraída que antes se propunha. Eckert e McConnel-Ginet (2010, p. 94) pontuam que

os estudos de gênero e linguagem padecem do mesmo problema com o qual se confrontam a sociolinguística e a psicolinguística em geral: abstração em demasia. Abstrair gênero e linguagem das práticas sociais, que produzem suas formas particulares em determinadas comunidades, obscurece e, às vezes, distorce os modos pelos quais se conectam e o modo como essas conexões estão implicadas em relações de poder, em conflitos sociais e na produção e reprodução de valores e projetos. Abstração demais frequentemente é sintoma de teorização de menos: o processo de abstração não deve substituir o processo de teorização, mas deve ser por ele informado e a ele responder.

Abstrair gênero e linguagem, como também apenas olhar o biológico nessa construção, produz resultados que vão contra os modos como se produzem os elementos sociais. Apagar as práticas sociais nas quais se envolvem os sujeitos acaba por enviesar os resultados descritivos da língua, uma vez que leva o pesquisador a optar por uma visão simplificada sobre a temática, isso porque “as pessoas e suas atividades, incluindo suas práticas de uso da linguagem, nunca são vistas de modo integralmente concreto ou pluralístico” (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010, p. 94), mas sim abstraídos de suas realizações.

É preciso reconhecer que a falta de um aprofundamento nas práticas sociais dos indivíduos que compõem amostras sociolinguísticas pode influenciar em resultados encontrados nas pesquisas que controlam a variável sexo/gênero. Isso porque “não podemos desculpar nossa desatenção para com a teoria social e os estudos de gênero fundando-nos em justificativas do tipo ‘somos apenas linguistas’ se quisermos fazer afirmações responsáveis sobre as relações entre linguagem e gênero” (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010, p. 96, destaques das autoras).

O problema da abstração e da exclusão das relações mais profundas entre linguagem e gênero, para Eckert e McConnel-Ginet (2010), fica a respeito de como os sociolinguistas vêm analisando a língua. Segundo as autoras, “sociolinguistas têm localizado sistemas linguísticos, normas e identidades sociais em um constructo frouxamente definido, o de *comunidade de fala*” (2010, p. 101, grifos das autoras). Adotar esse conceito – uma forma que só assume as relações dos falantes em termos geográficos –, é fazer, ao mesmo tempo, uma abstração das características dos indivíduos que compõem essas comunidades. Para tanto, as autoras buscam adotar, em suas pesquisas, a noção de *comunidade de prática*:

o conceito de comunidade de prática retira da noção de comunidade sua caracterização em termos de localização ou população e define uma comunidade pelo seu engajamento social – afinal de contas, linguagem serve a esse engajamento –, e não ao lugar ou às pessoas como uma

coleção de indivíduos (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010, p. 102).

O indivíduo deve ser observado através de seu engajamento social em comunidades de práticas para que sejam verificadas as suas práticas linguísticas. Isso possibilita perceber o indivíduo como o agente articulador das formas de participação nas múltiplas comunidades de prática (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010), o que inclui também a perspectiva de gênero. “A ideia de gênero é produzida (e, com frequência reproduzida) em tipos diferenciados de pertencimento em comunidades de práticas” (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010, p. 103), possibilitando melhor análise linguística por abarcar os novos comportamentos sociais.

Com isso, para além de se compreender sexo/gênero como elementos estanques, é necessário que se compreenda esses elementos como constitutivos da sociedade, e se é da sociedade, ela muda. O olhar sobre as práticas dos indivíduos pode dar pistas tanto sobre seu comportamento social quanto sobre seu comportamento linguístico. Ainda que a visão apresentada por Eckert e McConnel-Ginet (2010) tenha sido lançada, inicialmente, na década de 1990, na constituição de bancos de dados sociolinguísticos do Brasil tem-se adotado amplamente o termo sexo/gênero para se referir a uma variável que não abarca o gênero do informante, e sim apenas o seu sexo biológico, conforme pontua Freitag (2016a), assim como está estratificada a amostra do projeto LUSA, que apresentamos a seguir.

A variável sexo/gênero no sertão alagoano

O projeto LUSA

O Projeto A Língua Usada no Sertão Alagoano (LUSA) surgiu com o objetivo de subsidiar pesquisas sociolinguísticas realizadas na região do sertão alagoano. Desenvolvido na Universidade Federal de Alagoas – *Campus* Sertão, o projeto contou com a participação de seis alunos para a sua constituição e, após a coleta e transcrição dos dados, serviu – e ainda serve – como elemento fundamental na descrição de língua daquela comunidade (VITÓRIO, 2017).

A amostra conta com 96 entrevistas sociolinguísticas e está estratificada segundo as variáveis i) faixa etária (F1: 18-29 anos; F2: 30-44 anos; e F3: acima de 44 anos); ii) escolaridade (E0: analfabeto/semianalfabeto; E2: ensino fundamental; E3: ensino médio; e E4: ensino superior); e iii) sexo/gênero (masculino/feminino). Embora o banco de dados, em sua nomeação, use o termo sexo/gênero para designar a variável, durante a coleta dos dados não havia pergunta específica sobre o gênero do informante, o que reduz a variável a abarcar apenas o sexo biológico.

Trabalhos sociolinguísticos foram desenvolvidos buscando analisar, entre outras coisas, o efeito que a variável sexo/gênero detém sobre determinadas variáveis linguísticas, se esse fator é como condicionante para a variação, além de observar qual sexo/gênero faz maior uso de determinada variante. Contudo, mesmo com as pesquisas elencando a variável para a descrição da língua, nos dados que apresentamos à frente, essa variável não apresentou interferência na maioria dos fenômenos descritos. Embora ocorra a variação, do ponto de vista estatístico, a variável não se mostrou estatisticamente significativa na maioria dos estudos realizados.

Cotejamento dos dados

As pesquisas selecionadas para a revisão aqui proposta são as de Silva (2017), Oliveira (2017), Feitosa (2017), Alves da Silva (2018), Siqueira da Silva (2018) e Rodrigues (2018): pesquisas consideram os dados do LUSA⁷.

Para o cotejamento e análise dos dados, trabalhamos com o método descritivo/inferencial, no qual apresentamos as frequências e as associações entre os dados. Para medirmos a associação – se há ou não –, realizamos teste de qui-quadrado, que permite observar a relação entre a frequência obtida da variável dependente em relação ao fator, se é resultado do acaso ou se há associação. Para observar a associação, guiamo-nos pelo p-valor apresentado no teste, que é comparado com nosso p-valor pré-determinado: o α (alfa) no valor de 0,05 (5%), que significa que, se repetirmos um teste 100 vezes, cinco dessas vezes o resultado pode ser diferente do obtido inicialmente. Com isso, a hipótese nula (H_0) é que não há associação, quando $p > \text{ou} = 0,05$, enquanto a H_1 é a hipótese alternativa, quando o $p < 0,05$, em que pontuamos se há efeito estatisticamente significativo da variável sexo/gênero sobre a variável dependente, se há associação.

Os gráficos apresentados na seção dos resultados foram feitos na plataforma R (R CORE TEAM, 2018), na *interface* RStudio, por meio do pacote *ggstatsplot* (PATIL; POWELL, 2018), que apresenta a distribuição das variáveis e os resultados do teste estatístico. As distribuições e os testes são apresentados na seção seguinte.

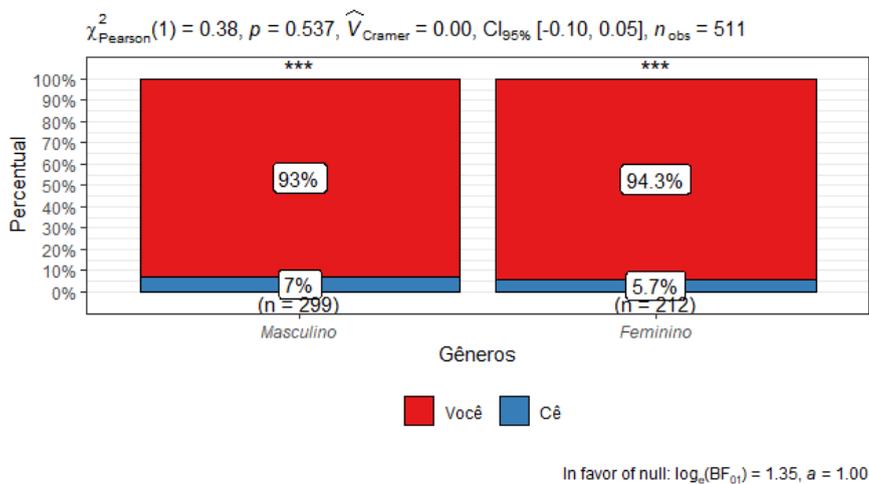
A variável sexo/gênero nas pesquisas sociolinguísticas do LUSA

Silva (2017), ao estudar a variação entre os pronomes *você* e *ê* na função de sujeito no sertão alagoano (como em *ê viu isso?/você viu isso?*), observou que a frequência de *você* (94% n= 473) é maior que a frequência de *ê* (6% n= 33). Para Silva (2017), a baixa frequência do pronome *ê* pode ser explicada por dois motivos: “ou a variante está se implementando na comunidade de fala ou a variante está entrando em desuso através de um processo de mudança linguística” (SILVA, 2017, p. 51).

Em relação à variável sexo/gênero, a autora encontrou os seguintes resultados (Gráfico 1).

⁷ Há ainda a pesquisa de Firmino Silva (2017), que também usa dados do LUSA. Contudo, a autora considera para análise apenas uma subamostra. Para manter a ortogonalidade, optamos por não inserir.

Gráfico 1: Realizações de *você* e *cê* conforme o sexo/gênero

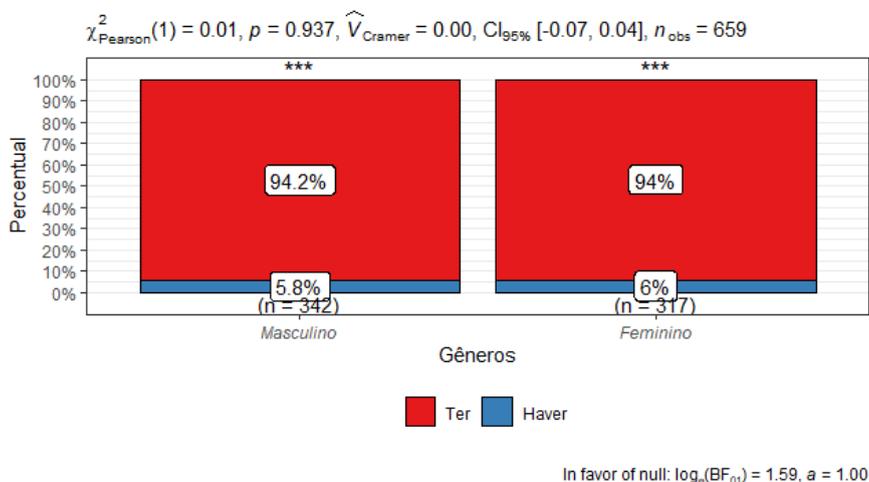


Fonte: elaborado pelos autores, dados extraídos de Silva (2017, p. 61).

As frequências são próximas em ambos os sexos/gêneros, sendo 94,3% (200/299) da forma *você* no sexo/gênero feminino e 93% (278/299) no sexo/gênero masculino. Para Silva (2017, p. 62), “homens e mulheres apresentam o mesmo comportamento linguístico em relação à realização do pronome *você* e sua variante *cê* na comunidade de fala pesquisada”, o que é confirmado pelo valor do teste de qui-quadrado, em que $X^2(1, N=511) = 0.38, p = 0.537$, demonstrando que a variável sexo/gênero não apresenta efeito sobre a distribuição das realizações de *você* e *cê* no português falado no sertão alagoano.

Oliveira (2017), descrevendo o comportamento dos verbos *ter* e *haver* com sentido existencial (*tem aula hoje?/há aula hoje?*), observa o predomínio da forma *ter* (94% n= 620), com poucos usos de *haver* (6% n= 39): “na modalidade da língua falada do sertão alagoano, há uma preferência pelo uso de *ter* existencial, fato este que corrobora a ideia de que, no português brasileiro, *ter* é o existencial canônico selecionado” (OLIVEIRA, 2017, p. 47). Os dados quanto à variável sexo/gênero são apresentados no Gráfico 2.

Gráfico 2: Realizações de *ter* e *haver* conforme o sexo/gênero

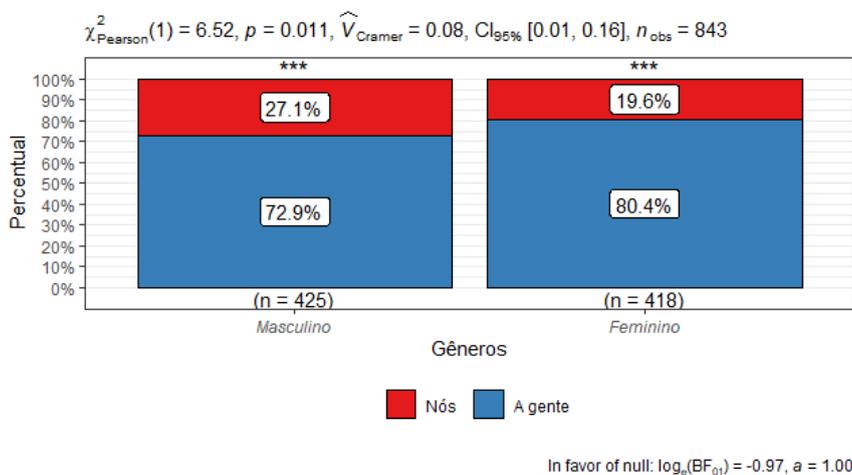


Fonte: elaborado pelos autores, dados extraídos de Oliveira (2017, p. 54).

A frequência do verbo *ter* é maior com falantes do sexo/gênero masculino, com 94,2% (322/342), do que com falantes do sexo/gênero feminino, com 94% (19/317). Contudo, essa diferença não é estatisticamente significativa, confirmada pelo valor de qui-quadrado ($X^2(1, N= 659) = 0.01$ $p = 0.937$). Há apenas 0,2% de diferença entre os sexos/gêneros. Falhamos em rejeitar a H_0 , e observamos que a variável sexo/gênero não apresenta efeito sobre a distribuição da variação *ter* e *haver* existenciais: “os dados da análise são similares entre sexo/gênero (masculino e feminino) e indicam uma estabilidade entre os percentuais” (OLIVEIRA, 2017, p. 54).

Em Feitosa (2017), sobre a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito no sertão alagoano (como em *nós vamos/a gente vai*), há frequência de 77% (n= 646) para o pronome *a gente*, em contraste com 33% (n= 197) para a variante *nós*. Na variável sexo/gênero, encontramos os resultados apresentados no Gráfico 3.

Gráfico 3: Realizações de *nós* e *a gente* sujeito em relação ao sexo/gênero

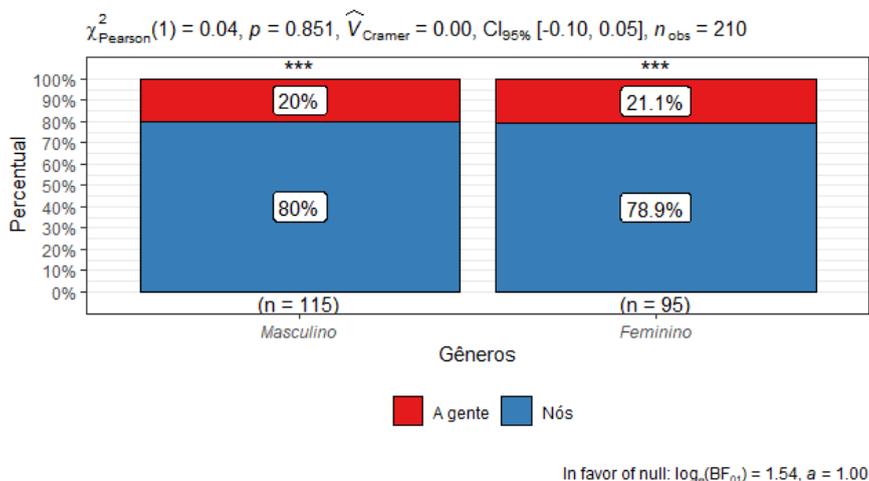


Fonte: elaborado pelos autores, dados extraídos de Feitosa (2017, p. 62).

A frequência da variante *a gente* é maior na fala dos falantes do sexo/gênero feminino, com 80,4% (336/418). Na fala de informantes do sexo/gênero masculino, a frequência é de 72,9% (310/425). Nesse estudo, há significância estatística ($X^2(1, N= 843) = 6.52$ $p = 0.011$). Com isso, rejeitamos a H_0 e aceitamos a H_1 : há efeito do sexo/gênero sobre a distribuição da variação *nós* e *a gente* na função de sujeito no português falado no sertão alagoano. Contudo, o alto valor de p demonstra que esse efeito não é forte. Para a autora, esses números vão ao encontro da teoria laboviana “ao mostrar que as mulheres tendem a ser mais inovadoras, utilizando mais o *a gente*” (FEITOSA, 2017, p. 65), isso porque, na comunidade em questão, ambas variantes são vistas positivamente pelos falantes, o que leva o *a gente* a não carregar estigma (FEITOSA; VITÓRIO, 2018).

Siqueira da Silva (2018), ao analisar a troca pronominal *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto no sertão alagoano (como em *nos dê/dê a gente*) constatou, diferentemente da função de sujeito, maior realização para o pronome *nós*, com 80% (n= 167) das realizações, notando que, embora o pronome *a gente* seja bastante difundido na comunidade na função de sujeito, nas funções de não sujeito ele ainda se encontra em processo de implementação, com 20% (n= 43). Quanto à variável sexo/gênero, os resultados são apresentados no Gráfico 4.

Gráfico 4: Realização de *nós* e *a gente* não sujeito por sexo/gênero



Fonte: elaborado pelos autores, dados extraídos de Siqueira da Silva (2018, p. 74).

São falantes do sexo/gênero feminino que fazem maior uso da variante *a gente*, com 21,1% (20/95), enquanto falantes do sexo/gênero masculino fazem 20% (23/115) do uso. A diferença entre os sexos/gêneros foi de apenas 1,1%, o que justifica a não significância estatística dessa variável nos dados do autor ($X^2(1, N= 210) = 0.04 p = 0.851$). Para Siqueira da Silva (2018, p. 76),

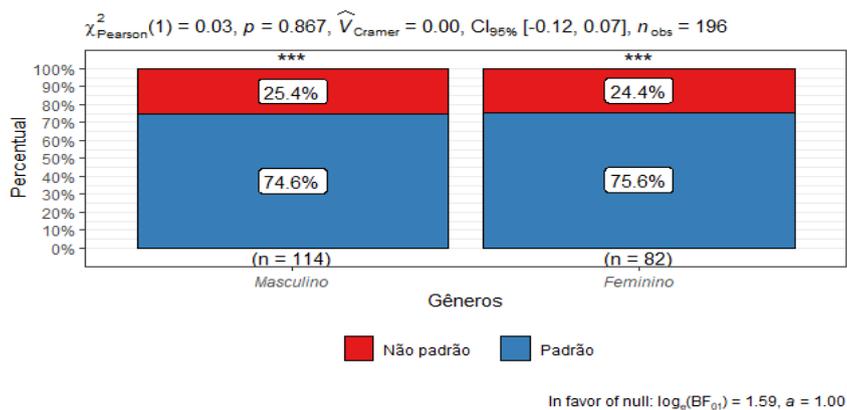
não podemos aferir quais são os julgamentos sociais feitos pelos falantes sobre essa variável por não termos feito uma pesquisa de cunho avaliativo, como propõe um dos problemas da TVML (cf. WLH, 2006), desse modo, não sabemos se essa variável é estigmatizada ou prestigiada socialmente. Entretanto, podemos falar que, como o *a gente* é frequentemente excluído do currículo escolar, temos uma ideia de que esse pronome não é visto como forma padrão, mas não podemos saber se é por ter um estigma ou não.

O que foi apontado pelo autor nos faz questionar um ponto: como a variável sexo/gênero se comportaria frente a uma variável socialmente estigmatizada? Se, até então, vimos fenômenos que parecem não possuir estigma social, como essa variável sexo/gênero agiria sobre uma variante que está acima do nível de consciência social e estilístico?

Os processos de variação relacionados à concordância verbal são altamente sensíveis à avaliação social no Brasil, sendo estigmatizadas formas como *nós vai*; *a gente vamos*, *eles vai* (FREITAG, 2016b), como evidenciam pesquisas, cujo foco é avaliação sobre o uso desse fenômeno (VITÓRIO, 2018; GHESSI, 2020). Vitória (2018) constatou que tanto a concordância *nós* + 3PS (*nós vai*) quanto à concordância *a gente* + 1PP (*a gente vamos*) são avaliados negativamente pelos falantes do sertão alagoano, configurando-se como formas estereotipadas na comunidade.

Em dados de produção, Alves da Silva (2018), descrevendo a concordância verbal com o pronome *nós*, encontrou percentual de 25% (n= 49) para a concordância não padrão (*nós* + 1PS), enquanto a padrão (*nós* + 1PP) apresentou percentual de 75% (n= 147). No Gráfico 5 demonstramos a distribuição quanto ao sexo/gênero.

Gráfico 5: Percentuais de nós+1PP e nós+3PS conforme o sexo/gênero

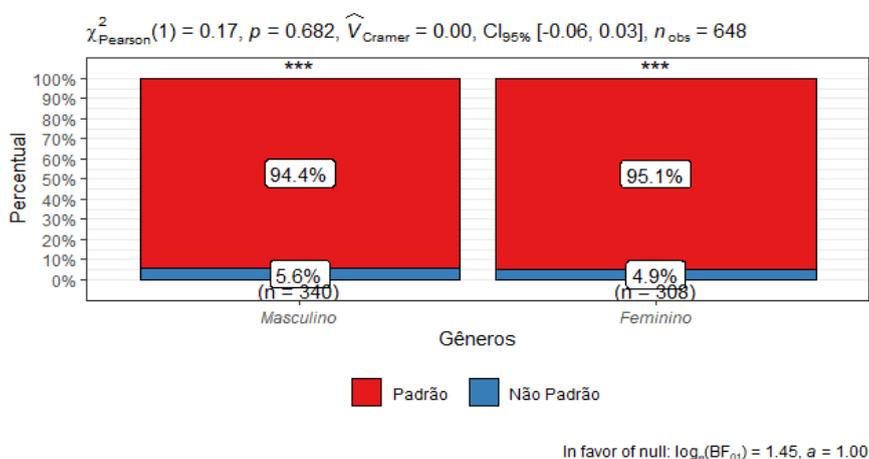


Fonte: elaborado pelos autores, dados extraídos de Alves da Silva (2018, p. 61).

Os resultados para a variável sexo/gênero, mais uma vez, apresentam frequências próximas. A frequência da concordância padrão é maior com falantes do sexo/gênero feminino, com 75,6% (62/82), do que com falantes do masculino, com 74,6% (85/114). Contudo, essa diferença não é estatisticamente significativa, confirmada pelo valor de qui-quadrado, em que $X^2(1, N= 196) = 0.03$ $p = 0.867$. Do ponto de vista estatístico, a variável sexo/gênero não apresenta efeitos sobre a distribuição da concordância de *nós* no português falado no sertão alagoano. Para o autor, “não houve oscilação de percentuais entre o sexo/gênero masculino e feminino, uma vez que obtivemos, respectivamente, 75% e 76% de aplicação de concordância verbal com P4” (ALVES DA SILVA, 2018, p. 62), o que não nos permite desenvolver inferências sobre a relação sexo/gênero e prestígio social.

Já Rodrigues (2018), analisando a concordância do pronome *a gente* (*a gente vai/ a gente vamos*), observou que essa variação se aproximou do que pode ser considerado como semicategórico (entre variável e não variável). Em seus números, houve frequência de apenas 5% (n= 34) para a variante não padrão, *a gente* + 1PP, contra 95% (n= 614) para a variante padrão, *a gente* + 3PS. Quanto à variável sexo/gênero, os resultados são apresentados no Gráfico 6.

Gráfico 6: Concordância verbal *a gente* segundo sexo/gênero



Fonte: elaborado pelos autores, dados extraídos de Rodrigues (2018, p. 56).

Nos dados de Rodrigues (2018), a frequência da concordância padrão é maior com falantes do sexo/gênero feminino, com 95,1% (293/308), do que com falantes do masculino, com 94,4% (321/340). Mesmo com essa diferença, essa variável não apresenta efeito sobre a distribuição dos dados, já que o p-valor do teste está acima de nosso alfa ($X^2(1, N= 648) = 0.17$ $p = 0.682$). Para a autora,

a proximidade comportamental linguística de falantes do sexo masculino e feminino, no que diz respeito à concordância com o pronome *a gente* no sertão alagoano, deve-se à liberdade e ao crescente espaço que a mulher vem ganhando nas esferas públicas a partir da década de 1970 (RODRIGUES, 2018, p. 56).

Nas pesquisas apresentadas, com exceção de Feitosa (2017), não há interferência da variável sexo/gênero sobre a distribuição das variáveis dependentes, visto a pouca diferenciação entre as frequências. O teste de qui-quadrado, que utilizamos para observar o efeito da variável, descartou a associação do sexo/gênero na maioria dos processos de variação linguística no sertão alagoano. Mesmo frente a variáveis socialmente estigmatizadas, o comportamento entre os gêneros foi similar. No entanto, ainda com sua insignificância estatística, entendemos que nenhum dado obtido é, em suma, insignificante.

Considerações finais

No sertão alagoano, em que os estudos sociolinguísticos começaram a ser produzidos desde 2014, os estudos de produção feitos com base na amostra do LUSA apresentaram um descarte da significância da variável sexo/gênero, com exceção de Feitosa (2017). Embora seja comum na descrição linguística a eliminação de algumas variáveis, a insignificância estatística da variável sexo/gênero na maior parte dessas pesquisas se mostrou instigante, originando o desenvolvimento desta discussão.

A sociolinguística possui como pressuposto básico a relação entre língua e sociedade, considerando que há influência de fatores sociais nos usos linguísticos. Em vista disso, uma possibilidade de explicação para a não significância estatística da variável sexo/gênero no português falado no sertão alagoano é a perspectiva de que os papéis sociais relacionados a sexo/gênero sofreram mudanças no âmbito social. Há heterogeneidade nas funções que os homens e as mulheres podem assumir, além de haver uma pluralidade significativa de formas de olhar sexo/gênero, considerado, principalmente, a comunidade LGBTQI+.

Às mulheres não confere mais somente o papel de cuidar da casa e dos filhos, e aos homens não é mais dado apenas o papel de trabalhador e de provedor da casa. Houve e continua havendo diversas mudanças nesses papéis que podem estar interferindo diretamente nos usos linguísticos, o que interfere também no controle da variável sexo/gênero.

Frente a isso, reconhecemos a necessidade da expansão no olhar social sobre a construção de sexo/gênero, inserindo, de fato, o gênero do informante, como também ressaltamos a necessidade de ampliar a interface entre linguagem e gênero. Para tanto, a ideia de comunidades de práticas, abordada por Eckert e McConnell-Ginet (2010), podemos auxiliar a melhor observar esses elementos tanto nas práticas sociais, quanto nas

práticas linguísticas.

Referências

- ALVES DA SILVA, J. A. **A concordância verbal com o pronome *nós* no Sertão alagoano**. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2018.
- BARROSO, R. R. **Pajubá: o código linguístico da comunidade LGBT**. Disponível em: <http://www.pos.uea.edu.br/data/area/dissertacao/download/27-18.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.
- ECKERT, P.; McCONNEL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (orgs.). **Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 93-108.
- FEITOSA, J. G. **A variação *nós* e a gente na posição de sujeito no sertão alagoano**. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2017.
- FEITOSA, J. G.; VITORIO, E. G. S. L. A. Variação *nós/a gente* no sertão alagoano: restrição e avaliação. **A Cor das Letras**, v. 19, n. 2, p. 199-211, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.13102/cl.v19i2.3493>
- FIRMINO SILVA, L. **O uso do pronome *nós* e da variante *a gente* na posição de sujeito entre os falantes não escolarizados do alto sertão alagoano**. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2017.
- FREITAG, R. M. K. (Re)Discutindo sexo/gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Orgs.). **Mulheres, Linguagem e Poder – Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Blucher, p. 17-74, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.5151/9788580391213-0001>
- FREITAG, R. M. K. Sociolinguística no/do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, n. 3, p. 445-460, 2016a. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v58i3.8647170>
- FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. **Delta**, v. 32, n. 4, p. 889-917, 2016b. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-44506992907750337>
- GHESSI, R. R. **Concordância verbal em português: um estudo sobre atitudes linguísticas em duas escolas públicas de Monte Azul Paulista-SP**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/Araraquara, 2020.
- LABOV, W. **Where does the linguistic variable stop?: A response to Beatriz Lavandera**. Southwest Educational Development Laboratory, 1978.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R.

Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. **Principles of linguistic change, volume 2: Social factors**. Oxford: Language in Society, v. 29, 2001.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York city**. Cambridge University Press, 2006.

MENDES, R. B. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. **Revista Linguística**. v8, n. 1, p. 113-124, 2012. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2012.v8n1a4477>

MENDES, R. B. **Percepção e performance de masculinidades: Efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal**. Tese (Livre-docência em Sociolinguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MENDES, R. B. What is 'gay' speech' in São Paulo, Brazil. In: SANTAEMILIA, J.; BOU, P.; MARUENDA, S.; ZARAGOZA, G. (Orgs.) **International Perspectives on Gender and Language**. Valência: Universitat de València, 2007.

OLIVEIRA, J. F. **Variação dos verbos *ter* e *haver* em sentenças existenciais no sertão alagoano**. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2017.

PATIL, I.; POWELL, C. **GGSTATSPLOT: “ggplot2”, Based Plots with Statistical Details**, 2018.

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2017. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em: 10 set. 2020.

RODRIGUES, F. G. C. **Concordância verbal com o pronome *a gente* no sertão alagoano**. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2018.

SILVA, J. M. S.; VITÓRIO, Elyne G. S. L. A. Efeito da escolarização sobre a língua falada no sertão alagoano. In: **XI Semana de Letras**, 2018, Maceió. XISL - ANAIS, 2018.

SILVA, S. O. P. **A variação de *você* e *cê* na fala dos sertanejos alagoanos**. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2017.

SIQUEIRA DA SILVA, J. M. **Variação entre *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto no sertão alagoano**. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2018.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. **A língua usada no sertão alagoano: constituição da amostra**. Trabalho apresentado no III Estudos em Linguagem do Sertão. Delmiro Gouveia, jun. 2017.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. Avaliação social da concordância verbal com a primeira pessoa do plural no sertão alagoano. **Interdisciplinar**, v. 29, 2018.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].